

PERSEGUIÇÃO

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

Ilustrações de

LELIS

1ª edição

Conforme a nova ortografia



Copyright © Tânia Alexandre Martinelli, 2009

Gerente editorial: ROGÉRIO CARLOS GASTALDO DE OLIVEIRA

Editora-assistente e preparação de texto:
KANDY SGARBI SARAIVA

Auxiliar de serviços editoriais: RUTE DE BRITO

Estagiária: MARI TATIANA KUMAGAI

Suplemento de atividades: NAIR HITOMI KAYO

Revisão: PEDRO CUNHA JR. (Coord.)

LILIAN SEMINICHIN

RENATA PALERMO

Produtor gráfico: Rogério Strelciuc

Gerência de arte: NAIR DE MEDEIROS BARBOSA

Projeto gráfico e produção: AEROESTÚDIO

Capa: AEROESTÚDIO

Impressão e acabamento:

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Martinelli, Tânia Alexandre
Perseguição / Tânia Alexandre Martinelli ; ilustrações Lelis.
— São Paulo : Saraiva, 2009. — (Coleção Jabuti)

ISBN 978-85-02-08393-6

1. Bullying – Ficção 2. Preconceito – Ficção 3. Violência nas
escolas – Ficção 4. Ficção brasileira I. Lelis II. Título. III. Série.

09-05116

CDD-869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira 869.93

14ª tiragem, 2017



Direitos reservados à

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7.221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP

www.editorasaraiva.com.br

Tel.: (0xx11) 4003-3061

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810016

CAE: 571321

Para Sônia Barros, grande amiga.

TRÊS ANOS ANTES

COMO TODO SANTO DIA

A aula deveria começar em instantes. Tínhamos ouvido o sinal havia poucos minutos, mas bem antes disso eu já estava no meu lugar, o livro de Português em cima da carteira.

Denílson, Caio e Fred faziam questão de marcar presença na entrada da sala. Falavam alto, riam escandalosamente, uma baderna. Impossível passarem despercebidos aos olhos de qualquer um de nós e acredito que nem fosse mesmo a intenção.

Esses eram os meninos que atormentavam o Leo. Muita gente sabia, mas a grande maioria ignorava.

Dali em diante, porta adentro, o óbvio.

Denílson e Caio na frente, Fred um pouco mais atrás, os três passando pelo estreito corredor onde ficava a carteira do Leo. Tão logo chegavam perto, a simulação de um tropeço, um esbarrão, ou algo semelhante, como se tudo não passasse de inocente brincadeira.

— Opa! — e o súbito arremesso dos objetos ao chão.

Era um opa cínico, dissimulado, muitos alunos riam abertamente sem motivo para disfarces.

— Desculpa aí, Leitão.

Um desculpa aí debochado, quase nojento de ouvir.

— Pede desculpa não, Denílson! Não vê que a carteira dele é que tá torta, na passagem? Arruma isso aí, Gordo! — e Caio ria, um prazer desmesurável.

Leo procurava juntar tudo o mais rápido possível e então livrar-se da vergonha de se ver ajoelhado à caça de seus pertences. Porém, tanto esforço parecia não valer para coisa alguma, pois quanto mais se apressava buscando uma agilidade que não tinha, mais atrapalhado ia ficando, e os objetos escorregando das mãos feito sabonete.

Fred, por último, arrematava com chutes, inventava um sem querer, fingia um não vi, e lá iam canetas, lápis, borracha ou a própria mão do Leo na sua mira perversa.

Agora os três amigos partiam para as próprias carteiras, acomodando-se em meio ao riso, ao deboche e à malandragem, companhias indissociáveis deles.

Aos poucos, os alunos iam se dispersando, o assunto era substituído, Leo perdia a graça e deixava de ser o foco das atenções. Quando fosse ver, ninguém mais se lembrava do episódio. Tudo morto, enterrado e esquecido.

— Bom dia! — era a professora Luciana entrando na sala.

Leo já recolhera todas as suas coisas, mas o embaraço e o nervosismo de minutos atrás ainda lhe marcavam o rosto sem dó. Vermelho. Eu vi. Alguém mais deve ter visto, mas ninguém falou nada. Nem eu.

— Vocês se recordam de onde paramos? Fizeram em casa os exercícios da página 32? Vamos lá, pessoal. Se alguém deixou de fazer, vai ficar complicado, porque eu disse que a matéria de hoje...

Leo continuava vermelho. A pele muito clara corava com facilidade e seus cabelos loiros, bem curtinhos, realçavam ainda mais o rosto redondo.

Mantinha-se cabisbaixo, olhos rasantes sobre o livro, buscando, de maneira rápida e desajeitada, a página indicada. Estava sério, a expressão de quem controla um vulcão dentro do peito. Acho que era isso. Um vulcão.

Página 32. Qual a importância do conteúdo da página 32? Quantas páginas seriam necessárias para descrever o tormento do Leo? E o meu?

Eu via o que faziam com o Leo, via, sim, e não concordava. Mas era impossível defendê-lo.

Eu não conseguia defender nem a mim mesma.

PROVA

Encerrávamos o primeiro bimestre na ocasião. A professora de História ia chamando nossos nomes a fim de nos entregar as

avaliações corrigidas. Eu me sentia tranquila, a certeza de que me saíra bem.

Entretanto, o mesmo não ocorria com a classe, de modo geral ansiosa e agitada. Cochichos, gritinhos histéricos, alunos em pé para espiar a nota do colega.

— Maria Lúcia!

O barulho era tanto, quase não ouvi meu nome. A professora precisou dizê-lo duas vezes e, na sequência, meter bronca na turma.

Os alunos sossegaram em seus lugares, fecharam a boca e, enfim, o silêncio. Foi por isso que todos ouviram, em alto e bom som, o elogio da professora Mariane no momento em que me aproximava da mesa dela:

— Parabéns, Malu! Apenas você e mais dois alunos tiraram dez. Fiquei muito feliz, viu?

Sorri, envaidecida. Virei-me de costas, o caminhar a passos contados, lentíssimos, os olhos conferindo a prova, toda a atenção dividida entre os detalhes examinados e o silêncio que tornava o ar daquela sala de aula tão pesado, quase palpável.

Nesse meio-tempo, alguém colocou o pé na minha frente e tropecei. Sorte não ter caído.

— Também! Colando! — a Paula sussurrou.

Eu apenas sacudi a cabeça, insinuando que a acusação era descabida, injusta, sem total fundamento.

Aquela menina tinha um olhar que me assustava. E eu não conseguia diferenciar dois dos sentimentos que mais me dominavam naquele ano: a raiva e o medo. Não sabia quando um era mais intenso que o outro. Penso neles como punhados de grama recém-plantados que aos poucos vão se entrelaçando até que um se sobreponha ao outro e então não seja mais possível a separação. Sempre juntos. O medo e a raiva.

— Você tirou dez, Malu?

A pergunta vinha da Bruna, a garota que se sentava ao meu lado. Raramente ia bem nas avaliações.

— Tirei — respondi, tímida. — E você? Foi bem?

— Bem mal. Quatro.

— Ah...

E a conversa morreu aí.

A turma da Paula cochichava e olhava para mim. Cochichava e olhava para mim. Essa atitude cíclica só me trazia mais apreensão; as mãos geladas transpiravam gotas de puro nervosismo, os dedos úmidos borravam o papel. Tentei deixar de reparar nelas e então dobrei a prova, guardando-a de qualquer jeito dentro do fichário.

Quando deu o sinal do intervalo, eu e a Bruna fomos saindo juntas, conversando. Paula, Patrícia e Mariana, amigas inseparáveis e cúmplices em tantas maldades, bloquearam o caminho um pouco antes da porta da sala. Bruna pediu licença e passou antes de mim; retraí o corpo para não esbarrar em nenhuma delas, um espaço mínimo, refletia sobre isso às vezes, essa falta de espaço para mim.

Paula recomeçou:

— Sabe, Paty, tem gente que é mesmo cara de pau. Cola em tudo quanto é prova e depois fica posando de santa! Não suporto gente assim!

Sempre estudei no mesmo colégio, nunca tive muitas amigas, quem sabe duas mais íntimas e só, mas nunca me importei. Toda a mudança ocorreu com a chegada da Paula, matriculada nesse nono ano. Em pouquíssimas semanas, estava tremendamente à vontade com o pessoal da classe, parecia que a vida inteira fora estudante dessa escola.

Era uma agitadora. Mais. Tenho consciência hoje de que era uma manipuladora. Isso mesmo. Alguns poderiam dar outro nome: popular. Mas não mudo de ideia. Há pessoas que usam de sua popularidade para manipular os outros, dizer quem pode ou não pode ser amigo, o que deve ou não deve fazer, a quem deve agradar e a quem deve repudiar. E a Paula fazia tudo isso. Claro,

não perto dos professores, ela dispunha de muitas artimanhas para camuflar as suas atitudes.

Mas eu não entendia por que justamente comigo. O que eu teria feito para merecer seus olhares de desprezo, sua arrogância, sua falsidade, seu sarcasmo? Diversas vezes busquei na memória se algum dia, alguma vez... Não, nada que justificasse, e, exatamente por não entender, sofria ainda mais.

Nesse dia, cheguei em casa murcha, minha mãe colocava o almoço na mesa e, assim que me senti, perguntou-me:

— Está tão quietinha hoje! Que aconteceu?

Fui direta:

— Quero mudar de escola.

Ela estranhou, fez cara de quem ouvira uma maluquice ou algo assim.

— Mudar de escola? No nono ano?

— Não gosto de lá.

— Ué! Por que não?

— Porque não. Tem umas meninas que me olham torto.

— Não liga, Malu. Não vai querer mudar toda a sua vida por causa de umas meninas, veja só se tem cabimento.

Fiquei calada. Minha mãe não tinha nenhuma noção do que realmente acontecia na escola.

De repente, não sei por quê, fui me lembrar da Bruna.

— Tenho uma amiga que está com bastante dificuldade, anda preocupada com as notas baixas.

— Ah, é? Quem?

— A Bruna. Você não conhece. Nós conversamos hoje na hora do intervalo e eu ofereci minha ajuda.

— Que bom, Malu! Ainda bem que você nunca teve problemas com notas.

— Por isso mesmo. Vou convidá-la para vir aqui em casa amanhã. Acho a Bruna legal, bem diferente de outras pessoas da minha classe.